UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ANDREINA DE LIMA FERREIRA

MEMÓRIAS DA PANDEMIA: REFLETINDO ACERCA DE RELATOS AUDIOVISUAIS RELACIONADOS À PANDEMIA DE COVID-19 DISPONÍVEIS EM REPOSITÓRIOS DIGITAIS.

PONTA GROSSA
2024

ANDREINA DE LIMA FERREIRA

MEMÓRIAS DA PANDEMIA: REFLETINDO ACERCA DE RELATOS AUDIOVISUAIS RELACIONADOS À PANDEMIA DE COVID-19 DISPONÍVEIS EM REPOSITÓRIOS DIGITAIS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de Graduado em História na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Dones Claudio Janz Jr

PONTA GROSSA
2024

ANDREINA DE LIMA FERREIRA

MEMÓRIAS DA PANDEMIA: REFLETINDO ACERCA DE RELATOS AUDIOVISUAIS RELACIONADOS À PANDEMIA DE COVID-19 DISPONÍVEIS EM REPOSITÓRIOS DIGITAIS.

Trabalho de coclusão de curso apresentado(a) para obtenção do título de licenciada em história na Universidade Estadual de Ponta Grossa (nome completo da instituição), Área de Licenciatura em História.

Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Dones Claudio Janz Jr.

Ponta Grossa, 07 de novembro de 2024

DONES CLAUDIO JANZ JR.

DOUTOR EM HISTÓRIA UDESC

LORENA ZOMER

DOUTORA EM HISTÓRIA UFSC

MARCO A. STANCIK

DOUTOR EM HISTÓRIA UFPR

Sumário

1. Introdução 4

2. Tudo, menos uma "gripinha": o impacto da pandemia de covid-19 no Brasil 7

3. "Vai nascer o rabo de um jacaré": o enfrentamento da pandemia dificultada pelas "fake News"..... 9

4. Dados da catástrofe: os números alarmantes da Covid-19 no Brasil 12

5. Memórias da pandemia..... 16

6. Considerações Finais 28

7. Fontes:..... 29

8. Referências bibliográficas: 30

MEMÓRIAS DA PANDEMIA: REFLETINDO ACERCA DE RELATOS AUDIOVISUAIS RELACIONADOS À PANDEMIA DE COVID-19 DISPONÍVEIS EM REPOSITÓRIOS DIGITAIS.

RESUMO: A doença causada pelo novo coronavírus, a COVID-19, foi categorizada como uma pandemia em 11 de março de 2020, impactando o mundo todo e, em especial, o Brasil. Muitos acreditavam que a pandemia se resumiria a primeira quarentena anunciada, porém, ela perdurou por longos 3 anos, até que em 2023 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o seu fim. Esse momento foi muito delicado, pois vivemos com medo e perdemos muitas pessoas para o vírus. Partindo desse cenário, neste trabalho buscamos apresentar e refletir sobre 9 relatos audiovisuais de mulheres que estão disponíveis em repositórios como o Museu da Pessoa e o "Memórias Covid-19", com o intuito de compreender melhor o contexto vivido pela sociedade nessa difícil época. Utilizando-se da perspectiva da História do Tempo Presente e conceitos que lhe são caros como testemunho e memória, este trabalho busca compreender os impactos da pandemia no cotidiano de vida de brasileiros e brasileiras que contribuíram com seus testemunhos, bem como apresentar esses repositórios como fontes legítimas de pesquisa histórica.

PALAVRAS-CHAVE: COVID-19; REPOSITÓRIOS DIGITAIS; HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE.

1. Introdução

O momento de maior impacto para mim, durante a pandemia de COVID foi quando percebi que a minha vida não seria mais a mesma e que os 15 dias que se passaram, foram somente o início de algo muito maior. Entendi isso quando refleti o quão sortuda eu fui em poder me despedir presencialmente do meu avô, que faleceu no dia 03/03/2020 aos 78 anos por doença respiratória, porém nada relacionada a COVID. Nesse momento ainda não havia sido decretada a quarentena. Essa reflexão aconteceu quando eu vi a notícia[1] de que em um cemitério em Sorocaba-SP estava abrindo várias covas sobressalentes para sepultamentos e isso ocorreu um pouco mais de um mês após o falecimento do meu avô. Foi uma medida de precaução, porém, muito impactante para o momento sensível em que vivíamos.

Figura 1: Covas abertas em Sorocaba- SP durante a pandemia



Fonte: Witter Veloso/TV TEM (2020)

[1] https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/04/28/imagens-mostram-covas-abertas-em-cemiterio-que-recebe-vitimas-da-covid-19-em-sorocaba.ghtml

A pandemia do novo Coronavírus foi um acontecimento histórico muito recente, tendo muitos aspectos a serem abordados e desenvolvidos pelos historiadores e historiadoras. Este trabalho tem como finalidade analisar e refletir sobre as memórias da pandemia disponíveis em alguns repositórios digitais nacionais, buscando adensar o conhecimento sobre os impactos desse cenário sobre o cotidiano das pessoas no país.

As fontes utilizadas nesta pesquisa são relatos audiovisuais que estão disponíveis por meio digital em dois locais. O primeiro é o Museu da Pessoa[2], museu inteiramente dedicado a guardar a história oral de nossa sociedade. Nele temos a coleção "memórias da pandemia", constituída por pessoas comuns que decidiram compartilhar conosco suas experiências sem necessariamente um roteiro a ser seguido. Para a escolha das nossas fontes buscamos os que proporcionavam mais detalhes sobre as experiências vividas e que trouxessem informações diferentes entre si, mas que fizessem sentido como peças de um mosaico que se complementam no contexto da pandemia. Ao final da nossa seleção, optamos por escolher para o estudo os relatos produzidos por mulheres, personagens que foram potencialmente afetadas pela pandemia, como discutiremos a seguir.

O outro repositório[3] consultado faz parte de uma iniciativa da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e buscou entrelaçar diferentes itinerários pessoais a partir de relatos de experiências postados naquele espaço digital. Segundo a apresentação do projeto, a iniciativa:

> A Plataforma #MemóriasCovid19 possibilita o cruzamento de itinerários significativos sob o ponto de vista da identidade e que transmitirão suas narrativas por meio de traços e imagens, unindo elementos vivenciados por grupos humanos de diversos espectros sociais. O momento atual é significativo inclusive para estabelecer novos projetos, vislumbrar novos horizontes e estabelecer subterfúgios para melhor afrontarmos o futuro que nos é incerto. Durante esse horizonte de espera recolher tais narrativas se impõe como forma de coletar e preservar fragmentos de vivências e percepções. Este é um espaço onde você pode compartilhar relatos escritos, fotografias, desenhos, cartas, áudios, canções e vídeos sobre suas experiências pessoais durante a pandemia. (PROJETO #MEMÓRIASCOVID19).

[2] Iniciativa que promove e a escuta das experiências humanas buscando consolidar uma memória social do país por meio da construção de um arquivo digital de memórias de diferentes assuntos. Disponível em: https://www.nucleosmuseudapessoa.org/

[3] Disponível em: https://memoriascovid19.unicamp.br/

Esse recorte nos permite acessar uma série de temática específica – a pandemia - e que constitui um grupo com diferentes testemunhos sobre o contexto pandêmico. Nesse sentido, essas reuniões de relatos constituem-se como coleções, ou seja, conjuntos de documentos que possuem características temáticas comuns, reunidos intencionalmente. Como bem afirma Beatriz Kushnir (2022, p. 122) “a experiência do isolamento social/quarentena ainda que coletiva, afeta de forma singular cada um de nós”, valorizando ainda mais a construção das coleções sobre as experiências individuais durante a pandemia, nos permitindo uma leitura mais ampla e detalhada desse processo.

Para tanto, iremos analisar as fontes citadas pelo viés da História da Saúde e da História do Tempo Presente. No que se refere a História da Saúde, temos três estilos de pesquisa centrais segundo Hochman e Armus (2004, p. 12), sendo que nessa pesquisa, usaremos a abordagem sociocultural da doença, a qual se caracteriza por estudar “as relações entre medicina, conhecimento e poder, as dimensões culturais e sociais da doença em sentido amplo, suas representações e metáforas sociais, as condições de vida e seus efeitos na mortalidade [...]” (HOCHMAN E ARMUS, 2004, p. 15).

No que se refere a História do Tempo Presente (HTP), encaramos nossas fontes como indícios de um processo histórico em desenvolvimento, no qual parte dos personagens envolvidos ainda vivem, bem como, os desdobramentos relativos à quarentena e a doença estão se desenrolando. Henry Rousso afirma que a particularidade da HTP está em “que ela se interessa por um presente que é o seu, em um contexto em que o passado não está nem acabado, nem encerrado” (2016, p.18).

Os efeitos psicológicos, o trauma referente ao luto não vivido, a sensação do tempo lento no qual os dias passavam sem diferenciação evidente e a busca por explicações e reparações ainda acompanham as vítimas. Logo, tal qual afirma Lacouture (1998), nos interessa ouvir e analisar relatos de pessoas que vivenciaram um processo e que fornecem elementos para compor uma história inacabada, que tem seus desdobramentos no presente.

Com isso, buscamos compreender o que foi vivido, de forma que as memórias abordadas pelos testemunhos conversem com os dados científicos existentes na literatura e possamos entender as experiências pessoais no momento da pandemia e as marcas que foram deixadas. Beatriz Sarlo afirma que a memória

“[...] é um bem comum, um dever e uma necessidade jurídica, moral e política” (SARLO, 2007, p. 47). Tendo como base essa definição, nosso estudo explorou o recurso da memória como fonte e procuramos, com isso, apresentar e problematizar experiências referentes a pandemia de COVID-19 em busca de ampliar os estudos históricos sobre o tema.

2. Tudo, menos uma “gripinha”: o impacto da pandemia de covid-19 no Brasil

Durante toda a história tivemos várias epidemias[4] e pandemias[5] pelo mundo, e a pandemia de COVID 19 foi a mais recente que vivenciamos. Inicialmente, aquilo que parecia ser mais uma gripe comum que estava impactando a vida dos cidadãos de Wuhan, na China, logo começou a se espalhar com facilidade, até atingir grande parte do globo. O início dos casos foi em 2019, mas a pandemia só foi determinada em março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), assim se iniciando uma quarentena em diversos países do mundo.

Segundo (GULLOT; SERPA, 2020) a utilização das quarentenas durante a história da humanidade acontece a partir do século XIV, durante epidemias de peste bubônica e febre amarela. A quarentena, segundo Foucault (1990), foi um mecanismo de controle da população e de expulsão daqueles que estão infectados, pois este era o tratamento de purificação urbana presente no século XVIII. A maior preocupação era manter os cidadãos saudáveis longe dos infectados, mesmo que significasse suas mortes e exílio da cidade, essa era a chamada medicina de exclusão muito utilizada contra o surto de lepra no final da Idade Média.

Os indivíduos que viviam durante o século XVIII também se preocupavam com a economia, não sendo diferente durante a pandemia de COVID-19 pois tivemos resistências para a aceitação e da utilização da quarentena justamente com esse argumento. Muitas grandes cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Nova York, Paris e Madrid continuaram com seus transportes públicos lotados de

[4] Epidemia: aumento do número de casos de uma doença em várias regiões, mas sem uma escala global.
[5] Pandemia: disseminação em escala global de uma doença.

trabalhadores em horários de pico, pois, segundo governos, bancos e sindicatos patronais, a economia não podia parar [6].

No Brasil, o então presidente Jair Bolsonaro fez desdém da situação e, a despeito dos alertas e orientações da OMS, tratou da pandemia como somente uma "gripezinha"[7], sendo que em março de 2020 já estávamos vendo mortes ocorrendo por conta da COVID e hospitais vivenciando o início do que seria os próximos anos de pandemia. Segundo o Ministério da Saúde (2024), no Brasil tivemos aproximadamente 700 mil mortes em decorrência da pandemia, e cerca de 38 milhões de pessoas foram contaminadas pelo vírus entre março de 2020 a maio de 2023.

Sobre esse aspecto, Lígia Giovanella et al (2020), escreveram:

> Não bastassem as crises humanitária, sanitária e econômica, vivenciamos no Brasil, dia a dia, uma crise política sem precedentes. Temos um governo que desgoverna, que sonega dados e informações, que tripudia sobre o sofrimento e a morte de dezenas de milhares de brasileiros e desdenha o luto de mais de 120 mil famílias, que promove uma necropolítica, que extermina povos indígenas, assassina negros, destrói vidas. Aproveita-se da pandemia para extinguir direitos, acentuar privilégios, destruir o meio ambiente, afrontar a democracia.

Em países em desenvolvimento como o Brasil, o combate à pandemia de COVID-19 se mostrou ainda mais desafiador por conta da alta taxa de pobreza em diversas regiões do país. Condições socioeconômicas, de habitação e de acesso aos serviços de saúde contribuíram para ampliar a vulnerabilidade da população, demandando medidas específicas de enfrentamento a pandemia para as diferentes porções do território brasileiro (ALBERTI et al, 2021, p. 432).

Em maio de 2023, a OMS decretou o fim da pandemia de COVID-19, sendo que até o ano de 2022 aproximadamente 15 milhões de pessoas morreram em decorrência da COVID, segundo dados da própria OMS. O tratamento não estava claro no início, apenas havia uma tentativa de conter o vírus para que não se tornasse algo mais grave.

A COVID tem essa característica de piorar de forma inesperada, e o que tornou ainda mais difícil o tratamento foram as variáveis que iam surgindo com o

---

[6] https://oglobo.globo.com/acervo/resultado/

[7] https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-volta-minimizar-pandemia-chama-covid-19-de-gripezinha-1-24319177

tempo e se tornando cada vez mais resistentes aos remédios utilizados. De fato, até hoje não temos um medicamento que combata a COVID. Na tentativa de encontrar um remédio eficiente para o tratamento, várias pesquisas foram iniciadas enquanto a pandemia se desenrolava. FERREIRA e ANDRICOPULO (2020), por exemplo, abordam que em testes clínicos realizados na época, pela universidade de Oxford, não foram encontrados remédios eficazes para sintomas leves, mas alguns remédios como dexametasona mostravam a diminuição na taxa de mortalidade em casos graves.

Após muita pressão social e críticas à negação da ciência por parte da sociedade brasileira, em 2021 tivemos o início das campanhas de vacinações da população, sendo os grupos prioritários[8] os primeiros a serem imunizados. O antivírus permitiu o desenvolvimento dos anticorpos necessários para combater a doença, evitando uma quantidade ainda mais desoladora de mortes em decorrência da COVID-19 (CASTRO, 2021).

3. “Vai nascer o rabo de um jacaré”: o enfrentamento da pandemia dificultada pelas “fake News”.

A situação de vulnerabilidade em que a maioria da sociedade estava envolvida, temendo por sua vida e a de seus entes queridos em conjunto com o avanço das redes digitais de interação e comunicação tornou-se o momento perfeito para a criação de *fake news* (ou notícias falsas). Segundo Caponi et all “a internet não só democratizou a informação, mas permitiu apagar as fronteiras entre fatos e opiniões, entre argumentos informados e especulação gananciosa” (2021, p. 81).

Sobre o tema, Serra (2018) nos traz esta explicação:

> Várias motivações estão por trás da criação de notícias falsas, entre elas podemos citar um jornalismo fraco que busca visibilidade focando nas manchetes sensacionalistas e provocativas; partidarismo, visando o lucro a influência política ou poder, o que se mostra particularmente presente em épocas de eleição e de crises. Tal propaganda chamada de propaganda computacional tem a intenção de manipular a opinião pública através de um conjunto de plataformas de mídia social, agente autônomos e big data. A propaganda computacional está entre as mais recentes e onipresentes estratégias técnicas a serem implantadas por aqueles que deseja usar a tecnologia da informação para o controle social (SERRA, 2018, p. 21)

[8] Os grupos prioritários eram constituídos por: Idosos, pessoas com comorbidades respiratórias, gestantes, puérperas, entre outros.

Um caso famoso de conteúdo enganoso no campo da saúde foi do médico britânico que publicou um artigo científico, que relacionava a vacina de tríplice viral (para sarampo, caxumba e rubéola) ao autismo. Após esse episódio se descobriu que ele foi pago por advogados interessados em possíveis casos judiciais, para produzir este artigo. Neste momento tirando proveito da vulnerabilidade de seus clientes e ganhando dinheiro com a desinformação[9].

Algumas notícias, durante a pandemia divulgavam a eficiência do tratamento preventivo[10] da doença baseado em medicamentos sem eficiência comprovada como a cloroquina e a ivermectina e a ineficiência das vacinas, causando a morte de muitos por irresponsabilidades de um coletivo e de políticos. Sobre a opção pelo uso desregrado de medicamentos como a cloroquina, Sandra Caponi e colaboradores advertiram (2021, p. 85):

> Ainda que os testes in vitro tivessem sido promissores para o tratamento desses vírus, os testes em humanos não foram exitosos. No entanto, o populismo de líderes de países como Brasil e EUA, somados à negação das etapas científicas e a defesa descontextualizada das liberdades individuais, própria de um mercado neoliberal, politizou o uso da cloroquina e sua variante. Um breve resgate cronológico mostra que investidores e líderes políticos pró-mercado apostaram na cloroquina como uma bala mágica capaz de curar a doença e evitar medidas que prejudicassem o mercado, como a necessidade de estabelecer distanciamento social, isolamentos e quarentenas.

Suas opiniões e vivências valiam muito mais que a palavra de um cientista, que estuda e sabe de fato o que estava falando e não estava atrelado a nenhum movimento político.

> Diante do medo ao desconhecido é comum, na história das epidemias, negar a realidade, encontrar respostas extremamente simples ou buscar um culpado pela propagação da doença. Respostas mais fáceis do que assumir o medo ao contágio que ela causa e, principalmente, as responsabilidades decorrentes de uma crise sanitária que se configura (ABRÃO, 2020, p. 218).

Muitas vidas se perderam por essa descrença na ciência, mas muitos também se foram porque não podiam parar para fazer de fato uma quarentena, pois suas vidas dependiam do seu sustento familiar, se expondo ao perigo que estava fora de suas casas em um dos momentos mais delicados da pandemia. Muitos

---

[9] https://butantan.gov.br/butantan-educa/saiba-mais-sobre-brian-deer-o-homem-que-desmascarou-a-fraude-que-ligava-vacinas-ao-autismo

[10] É o tratamento que ocorre antes mesmo de se adquirir a doença, tentando combatê-la antes mesmo de adquiri-la.

empresários pararam por conta de decretos, estaduais ou municipais, que exigiam a quarentena, mas para muitos desses, não havia necessidade de nenhum tipo de medida contra a doença, pois, nas suas palavras não haveria motivo para medidas tão rigorosas [11].

Com toda a preocupação com a pandemia, tivemos uma grande procura por notícias sobre a doença e principalmente como evitá-la, porém nem tudo que está na internet ou até mesmo em alguns jornais é verdade, pois, ainda estávamos em um momento de estudo sobre o que enfrentaríamos nos próximos anos. Temos também o fator que nem tudo foram somente erros, pois vivemos hoje o que historiadores chamam de era da pós-verdade.

A verdade e o poder são questões políticas que sempre estão juntas nas discussões da nossa sociedade, pois, a confiança do povo está na honestidade de nossos representantes políticos. Quando os líderes se comprometem a agir com integridade e a promover um diálogo aberto, as decisões tomadas refletem não apenas os interesses de um grupo, mas o bem-estar coletivo. Assim como abordado na obra de Foucault:

> Em nossas sociedades, a economia da verdade tem cinco características historicamente importantes: a verdade é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida à constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica, quanto para o poder político); é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); é produzida e transmitida sob controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns aparelhos políticos ou econômicos (universidade, Exército, escritura, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e confronto social (as lutas ideológicas). (FOUCAULT, 2012, p. 52).

Quando inverdades substituem as veracidades e se tornam absolutas, lutamos para continuar compreendendo e distinguindo a verdade de mentiras, para que a genuinidade não seja destruída, assim como afirma Arendt:

> O resultado de uma substituição total e consistente da verdade factual por mentiras não é que a mentira será agora aceita como verdade e que a verdade será difamada como uma mentira, mas que o próprio senso pelo qual nos orientamos no mundo real – e a categoria de verdade como oposta à de falsidade está entre os recursos mentais que nos orientam – está sendo destruído (ARENDT, 1995 apud TEIXEIRA, 2018, p. 33).

[11] https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/24/empresarios-coronavirus-o-que-dizem-criticas.amp.htm

Segundo Falcão e Souza (2021) o avanço tecnológico, principalmente dos celulares, torna nossa sociedade ligada principalmente pelas redes sociais onde nos conectamos globalmente. Essa maior acessibilidade com as redes deixou a vida daqueles que espalham *fake news* muito mais fácil, cabendo ao usuário da rede checar se as informações que estão chegando até ele são reais ou não. Tal fato foi visto quando a pandemia acontecia, contribuindo para a morte de muitas pessoas por acreditarem em falsas verdades espalhadas pela própria sociedade ou ditas pelos líderes eleitos.

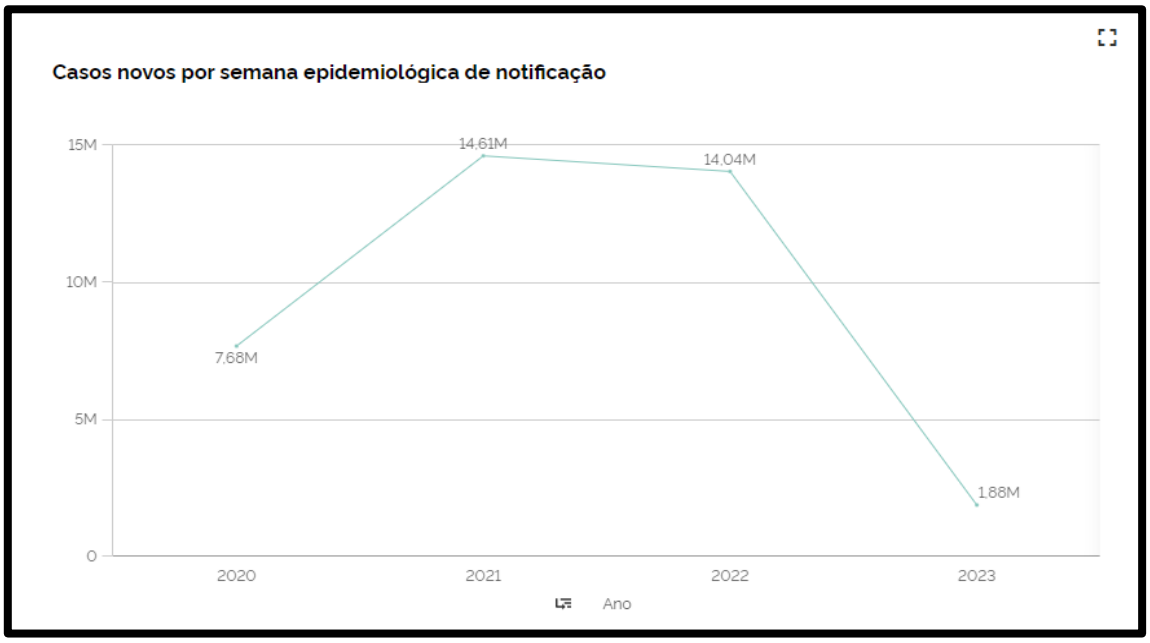
Falcão e Souza (2021) trazem a definição de pós-verdade como a escolha que a sociedade decide ou quer acreditar, pode-se dizer que seria melhor acreditar naquela verdade que te deixa mais tranquilo do que na que irá te incomodar. Vivenciamos esse conceito principalmente no início da pandemia, onde a grande maioria da sociedade brasileira não estava seguindo as recomendações da OMS para o combate à pandemia ou simplesmente não acreditando no que o mundo estava passando.

> Bolsonaro, negando a gravidade do problema, desacreditando a Ciência e incapaz de adotar medidas de prevenção efetivas e eficientes no combate à epidemia, em um país que trocou de ministros da saúde em três ocasiões e, no qual, a saúde pública não é considerada uma prioridade para o governo, acabou por fomentar o caos sanitário que se instalou no Brasil" (ABRÃO, 2020, p. 218).

4. Dados da catástrofe: os números alarmantes da Covid-19 no Brasil

Vemos a seguir gráficos retirados do Ministério da Saúde, sobre os casos e óbitos consequentes da pandemia de COVID-19.

GRÁFICO 1- Novos casos no Brasil (2020 - 2023)

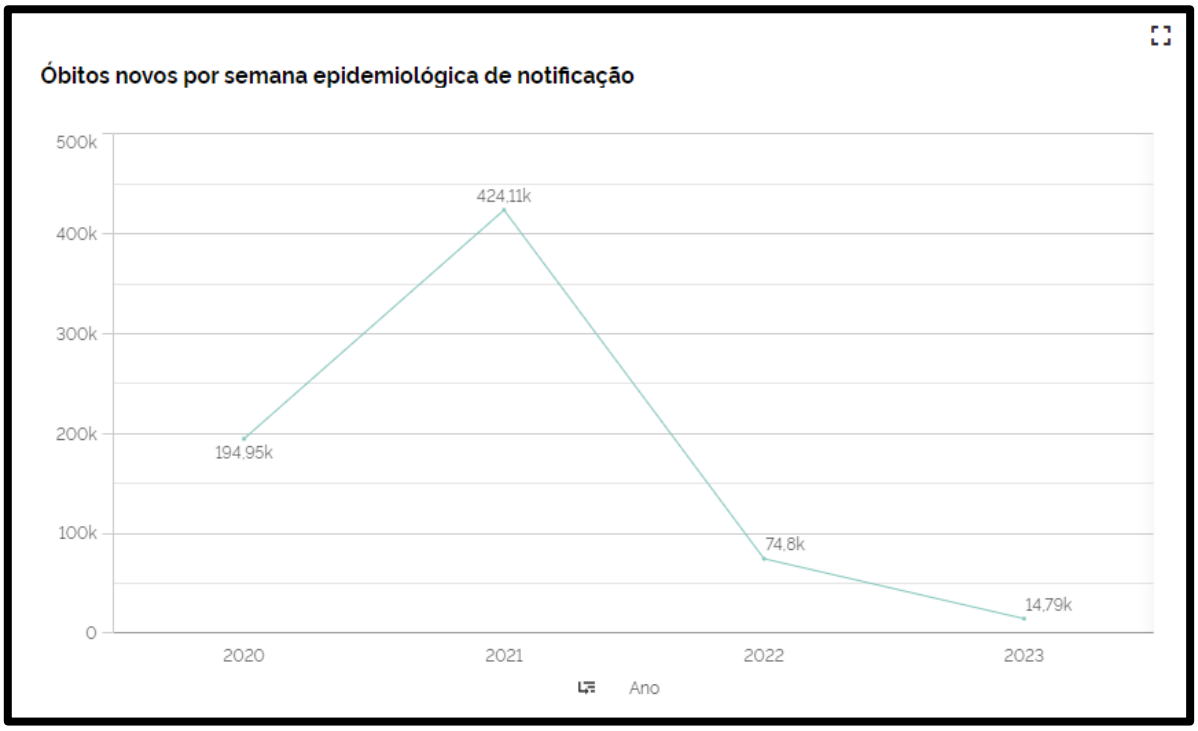


Fonte: Ministério da Saúde (2024)

O Gráfico 1 demonstra os casos novos por COVID-19 anualmente. Nele, vemos um grande pico do ano 2020 a 2021 onde de 7,66 milhões de casos passamos a ter 14,61 milhões de casos e esse pico segue até o ano de 2022. Segundo a Fiocruz (2022) o início da vacinação se deu no dia 17 de janeiro de 2021. Até a vacina chegar a todos demorou cerca de um ano, pois não havia vacinas suficientes para toda a população, pode-se dizer que foi um trabalho árduo até que toda a população que estivesse apta e desejasse se vacinar conseguisse o acesso a mesma.

Neste mesmo gráfico vemos a diferença entre o ano de 2022 onde se iniciou a vacinação e o ano de 2023. “Até março de 2023, 93,9% da população com 5 anos ou mais (188,3 milhões de pessoas) haviam tomado pelo menos uma dose de vacina contra a covid-19” (Ministério da saúde 2024), sendo assim, podemos ver a importância da vacinação no gráfico 1 - novos casos, onde saímos de 14,04 milhões em 2022 para 1,88 milhões de casos no ano de 2023.

GRÁFICO 2 - Óbitos no Brasil (2020 - 2023)



Fonte: Ministério da saúde (2024)

No Gráfico 2, vemos a decadência das mortes por COVID-19 no Brasil do ano de 2021 que foi o pico de mortes com 424,11 mil, para 74,8 mil mortes em 2022, onde já estava acontecendo a vacina contra a COVID a pelo menos um ano. Nesse gráfico vemos nitidamente a diferença para uma população que não havia se vacinado, para uma população onde mais de 90% buscaram a vacina pelo menos uma vez.

A importância da vacinação está muito bem colocada nestes gráficos, pois vemos as milhares de pessoas que contraíram a doença mas conseguiram superá-la, podemos dizer que a vacina cumpriu muito bem seu papel fundamental que é a de ensinar o corpo a combater a doença. Assim como abordado em Oliveira *et al.* (2022) foram feitos testes de eficácia em todas as vacinas que foram aplicadas no Brasil, estando disponíveis para a população seus resultados, como por exemplo:

> A eficácia da vacina foi avaliada com infecções confirmadas após 7 dias da segunda dose da vacinação. Assim, após esse tempo foi observado a infecção em 8 pacientes vacinados e 162 entre aqueles que receberam placebo, demonstrando assim aproximadamente 95% de eficácia da vacina. Entre a primeira e segunda dose, foram observados 39 casos no grupo BNT162b2 e 82 casos no grupo placebo, resultando em uma eficácia da vacina de 52% durante este intervalo e indicando proteção precoce perante a vacina, começando

> 12 dias após a primeira dose. Assim a vacina Pfizer/BioNTech (BNT162b2) é extremamente promissora, pois um regime de duas doses conferiu proteção de 95% contra Covid-19 em pessoas com 16 anos de idade ou mais (OLIVEIRA *et al.*, 2022).

Temos a questão que a vacina que mais recebeu crítica em nosso país, foi a brasileira CoronaVac, que foi criada pelo Instituto Butantan em parceria com a biofarmacêutica chinesa Sinovac, pois o ódio contra os chineses estava cada vez maior, já que em muitas notícias a China era divulgada como a grande responsável pela situação pandêmica.

Segundo Abrão (2020) houve trocas de acusações sobre a criação do vírus, sendo uma arma biológica criada pela China ou pelo Estados Unidos, o preconceito criado contra os chineses foi muito maior. O medo, xenofobia, desconhecimento e negacionismo foram os maiores precursores destas acusações. Somente as outras vacinas produzidas fora do Brasil e que não tinham envolvimento com chineses possuíam o efeito.

Mesmo a ANVISA liberando a CoronaVac para vacinação, muitos se recusaram a tomar esta vacina, por conta das *fake news* e difamações criadas contra ela. Segundo Rocha e Silva [s.d.] vemos em uma postagem de rede social a ênfase que se dá ao atribuir em caixa alta a CoronaVac a uma vacina exclusivamente chinesa, trazendo sensacionalismo à reportagem colocando medo ao se vacinar com este imunológico, apresentando duas enfermeiras passando mal, como segue abaixo:

Figura 2: Rede social e informação falsa



Fonte: *Print* de tela do *site* Lupa

A pandemia prejudicou e matou milhões de pessoas, contudo, hoje podemos dizer que a situação está controlada. Apesar de a COVID–19 não ser extinta, ainda vivemos com ela, porém tendo uma população vacinada e ciente da doença se torna mais fácil sua contenção.

5. Memórias da pandemia

A História do Tempo Presente (HTP) assumiu um papel relevante no campo da História sobretudo a partir de 1978, com a criação do Instituto de História do Tempo Presente, na França. Segundo Delacroix (2018), temos a filiação atrelada à discussão sobre os estudos dedicados à Segunda Guerra. A partir deste momento tivemos várias discussões ao redor do mundo sobre a história do tempo presente. "Henry Rousso, por exemplo, diagnosticou o panorama como uma “mundialização da memória” decorrente da forte multiplicação das demandas memoriais e sociais

de reconhecimento e de verdade sobre os “passados que não querem passar” (DELACROIX, 2018).

Dentro dessa atitude historiográfica, alguns conceitos como memória e testemunho são cruciais, pois dizem respeito à utilização de fontes que envolvem atores ainda vivos na construção do saber histórico. Segundo Borges (2012), as fontes orais têm um apelo maior nesse aspecto por ser, por um lado, um testemunho vivo da história contada, e, por outro, por permitir o privilégio do pesquisador em poder transformar a memória em arquivo, que poderá ser estudado por tantos outros e de várias outras formas.

O historiador age na intercepção da história, trazendo experiências e problematizando suas fontes, fazendo reflexões com o passado, assim como abordado por Barbosa (1997):

> Pensar no passado não como uma coisa, um objeto, mas como o reduto das experiências de outros sujeitos com os quais é possível estabelecer um diálogo, exige do historiador o abandono de concepções e conceitos cristalizados e a adoção de uma atitude crítica em relação não só aos seus próprios valores, como também aos valores vividos por outros sujeitos, situando-os em seu tempo, lugar e nas suas circunstâncias. O historiador surge "em meio a uma conversa que já começou" e nela intervém, com a sua experiência, com os seus valores, com as suas preocupações, enfim, como ser-no-mundo e, como tal é que formula problemáticas no presente projetando-as em direção ao passado, sem perder, no entanto, a noção de mudança, de ruptura entre o seu presente de historiador e o passado vivido por outros sujeitos com os quais dialoga. (BARBOSA, 1997, p. 301).

Para se compreender a história recente vamos em busca de várias memórias, pois, elas se complementam para contar a história de uma comunidade por exemplo. Partindo do pressuposto que não devemos selecionar relatos memoriais que nos interessam apenas e ser somente eles nossa fonte, iniciamos este trabalho com uma coleção de relatos disponibilizadas de forma online, buscando problematizá-los com outros indícios do mesmo contexto.

Hoje a memória está disponível para todos de forma simples e rápida e o Museu da Pessoa nos traz um compilado delas presentes em seu acervo digital, onde todos são instigados a participar de forma voluntária e gratuita com o único intuito de preservar suas memórias e fazer parte de um acervo de fontes.

A pandemia produziu muitas memórias sejam elas boas ou ruins. O Museu da Pessoa é um museu virtual e colaborativo de histórias de vida aberto à participação de toda pessoa. Nele, vemos a valorização de relatos orais da nossa

sociedade, quando as pessoas sentem que devem contar sua história elas fazem seus vídeos e mandam para o museu. Uma pré-seleção dos vídeos é realizada, para que possam fazer parte do acervo, sendo um modo muito interessante de se preservar nossa história e todos tem acesso a essas histórias de forma gratuita.

No museu temos uma coleção dedicada às memórias da pandemia com inúmeros vídeos postados por pessoas comuns, onde em poucos minutos eles nos contam suas experiências durante a pandemia. São pessoas que nesse momento delicado tiveram a vivência de uma pandemia os afetou de alguma forma, e nesses vídeos curtos eles nos contam um pouco dessa experiência, são pessoas que não conhecemos, mas estão colocando voz às suas histórias.

Os relatos selecionados têm uma coisa em comum, a pandemia, porém são diferentes entre si pois vivenciamos e encaramos esse fato histórico de diferentes maneiras, por isso escolhemos fontes que abordassem de formas diferentes suas vivências. Vale ressaltar que nem todos os relatos disponíveis têm informações como nome, idade, local onde mora entre outras informações importantes.

A primeira história é da Julia da Conceição Silva, de 20 anos, (Museu da Pessoa) esta é uma transcrição editada do seu vídeo onde ela relata o medo e a incerteza que sentiu no início da pandemia, onde ninguém entendia ao certo o que estava acontecendo. Em seu relato, ela cita a preocupação de seus pais quando ela saía de casa, e o medo de trazer a doença para dentro da sua residência e que seus avós e pais se infectassem com o vírus. No seu relato temos também a sua vivência com pessoas que não estavam preocupadas com a pandemia e viviam sua vida normalmente sem os cuidados necessários para se evitar a COVID-19, sendo que em sua casa eles faziam de tudo para controlar a situação.

Julia nos conta que sua mãe contraiu o vírus em um momento em que ela havia começado a trabalhar recentemente em uma ONG e sentiu medo ao lembrar que algumas empresas ameaçavam demitir funcionários que apresentassem o atestado de COVID-19. Julia não contraiu a doença nem seu irmão, mas seu pai sim, pois não teve escolha de ficar em casa, visto que o sustento de sua casa dependia de seu trabalho. Julia conta que ele chegou a ficar com o rosto machucado de tanto usar EPI's[12], para não passar o vírus para outras pessoas.

[12] "EPI" é a sigla para Equipamento de Proteção Individual. Refere-se a dispositivos e acessórios usados para proteger os trabalhadores contra riscos e perigos em ambientes de trabalho, como capacetes, luvas, óculos de segurança e máscaras.

Após esses momentos turbulentos, seu relato indica que sua família tomou as vacinas e ainda têm alguns hábitos obtidos durante a pandemia no seu dia a dia.

O relato de Julia nos mostra como a sociedade realmente estava dividida e como as dificuldades financeiras fizeram as famílias terem de escolher, entre ter seu sustento ou ficar em casa e tratar o vírus da forma correta. O pai de Julia por mais que tivesse tomado todos os cuidados e passado pela situação de ficar machucado pelo uso de EPI's, ainda seguia contra as indicações da OMS, por exigência da empresa. Pode ter acontecido dele ter espalhado o vírus para outras pessoas, mas ele precisou fazer uma escolha entre trabalhar e cumprir as orientações, num momento em que a taxa de desemprego estava somente subindo e as empresas estavam demitindo em vez de contratar, essa foi a realidade de muitos brasileiros.

Uma pesquisa produzida em parceria com a UEPel com 366 alunos da graduação e pós-graduação realizada por OLIVEIRA et al (2020) identificou que a grande maioria dos participantes necessitava de algum tipo de ajuda governamental, familiar ou institucional como bolsas de extensão para poder sobreviver ou empregos informais ou formais.

> A pandemia não é a mesma para todos os países, nem a mesma para todos dentro de um mesmo país ou da mesma cidade. Muitos dizem que estamos todos no mesmo barco, mas não é bem assim. Estamos todos passando pela mesma tempestade no mesmo mar. Mas é como se alguns estivessem em transatlânticos, outros em iates, outros em barcos a vela ou mesmo canoas [...] o alastramento da Covid-19 é uma emergência sanitária e humanitária multidimensional. Enfrentá-la de modo efetivo só é possível com a reafirmação da importância científica e o alinhamento dos conhecimentos vindos de todas as áreas da ciência. Num país com muitas desigualdades, o vírus pode evidentemente atingir a qualquer um, mas uns podem se resguardar melhor do que outros, visto que milhões de brasileiros sequer têm acesso a água limpa e encanada e que, para muitos, evitar aglomerações soa como uma utopia (RIBEIRO, 2020).

Percebemos assim, que a relação entre a condição social e as taxas de contaminação e morte estiveram intimamente ligadas durante a pandemia no Brasil. O pavor de perder o emprego e, consequentemente, o sustento, fizeram os mais carentes enfrentar o transporte público e o trabalho por não terem muitas outras saídas disponíveis.

Esta é uma transcrição editada do vídeo relato de Nicole Serrão Mendes (Museu da Pessoa). Ela traz para nós algo que chama muita atenção, que é o momento que percebeu o que estava acontecendo. Quando ela vai pegar seu

ônibus e percebe que está praticamente vazio, consegue sentar-se em um banco ao lado da janela. Em todos os dias que ela pegou esse ônibus, ela nunca havia conseguido sentar-se, pois ele estava sempre lotado de pessoas indo aos seus compromissos diários. E quando ela precisou pegar este ônibus essa memória ficou marcada sendo para ela a mais marcante do período da pandemia. Esta é uma transcrição de seu vídeo relato.

O relato de Nicole lembra que muitas empresas durante a pandemia fizeram home office, quando era possível, enquanto outras deram férias ou afastaram seus funcionários, para que em algum momento mais oportuno fossem chamados novamente. Mesmo que tardiamente e superficialmente, o governo amparou os empresários permitindo a “pausa” em contratos, para deixar a maioria dos funcionários em casa. Esse regime funcionava da seguinte forma: a empresa pagava 70% do salário do funcionário os outros 30% ficaram na responsabilidade do governo pagar, porém esses 30% eram conforme a faixa etária do INSS utilizada para distribuir o seguro-desemprego, assim sendo uma valor menor do salário real dos trabalhadores.

Essa medida foi implementada para que não houvesse uma dispensa em massa de trabalhadores, pois a economia mundial não estava boa por conta da pandemia, e para que eles respeitassem a quarentena sem se submeter aos riscos de sair de casa para ir ao trabalho. “A suspensão do contrato em virtude da pandemia visa auxiliar o distanciamento social, evitar o avanço da crise econômica e o aumento da taxa de desemprego, não devendo ser utilizada em benefício ilícito do empregador” (OLIVEIRA, 2024).

A história a seguir é a transcrição editada do vídeo relato de Maria Gabriela Paulino Batista (Museu da Pessoa), ela aborda a luta contra a ansiedade durante a quarentena, ela já tinha o diagnóstico, porém se tornou muito mais difícil durante a pandemia, pois não poder sair de casa e o medo da morte eram sentimentos difíceis de lidar. Muitas pessoas receberam diagnósticos de ansiedade e depressão durante a pandemia, onde pessoas acostumadas a socializar não sabiam lidar com a situação de precisar ficar em casa e manter o menor contato físico possível com as pessoas, até mesmo com seus entes queridos.

Segundo a OMS (2024) em março de 2022 houve um aumento de 25% dos diagnósticos de ansiedade e depressão, e assim como Maria, toda a sociedade sentia a preocupação com a pandemia, piorando a saúde mental da população, pois

estamos acostumados a conviver em sociedade e não isolados dentro de casa. Corroborando com esses dados, OLIVEIRA et. al (2020) afirmou que o sentimento de medo e apreensão com o futuro e o presente foram as questões que mais apareceram em sua pesquisa, as quais fomentaram e multiplicaram os casos de ansiedade na população. Essa pesquisa nos mostra apenas uma pequena parte da nossa sociedade, porém nos diz muito sobre o medo enfrentado por aqueles que não tinham uma renda fixa, por exemplo, e como o medo acaba se tornando um transtorno de ansiedade e deixou nossa população ainda mais doente.

Sob esse aspecto, Minois (2019, p. 3) explica que “a solidão não deixa ninguém neutro ou indiferente. Ela compromete toda a nossa concepção da condição humana”. A interrupção de atividades familiares durante aquele contexto, sejam elas felizes ou tristes, a solidão da doença e o anonimato na morte, tornaram o cotidiano pandêmico muito difícil e desafiador.

No nosso próximo relato temos a transcrição editada do vídeo de Simara Conceição dos Santos (Museu da Pessoa), uma mulher negra que veio da Bahia para Florianópolis. Ela inicia seu depoimento trazendo uma importante questão, a pandemia a fez voltar a querer estudar, sendo o seu interesse a Educação Infantil, pois com a pandemia perdemos a oportunidade de estar em sala de aula, e ela buscou iniciar novamente sua faculdade.

Ela relata que nesse momento foi descoberto que ela estava com uma doença (ela não especifica qual), e precisava cuidar da sua família e se cuidar para manter o sustento de sua casa e educar sua filha que estava presa em casa por conta do fechamento das escolas nesse período. Tudo isso sendo uma mãe solteira em um estado que ela não tinha uma rede de apoio familiar. E mesmo com todas as dificuldades ela diz ter conseguido tirar coisas boas na pandemia, sendo a volta do diálogo em sua casa algo que ela mais apreciou. Sendo uma mãe que trabalha fora, ela não tinha tantos momentos familiares e a pandemia trouxe essa reflexão em sua vida, e a tornou uma mulher diferente, e apreciadora de momentos familiares e de amizades que ela conquistou neste momento.

Temos um alto índice de mães solteiras responsáveis por lares brasileiros. Segundo o IBGE (2022), 11,3 milhões de mulheres são responsáveis a levar o sustento de suas casas. O relato de Simara nos mostra o quanto uma mulher, mãe, sem apoio familiar, deixa de viver para poder sobreviver. Segundo Bizan et al.

(2023) mulheres enfrentam muitos desafios relacionados ao seu gênero, vistas como menos capazes por empregadores.

As mães solteiras têm desafios adicionais, tais como a falta de apoio da família e do estado, pressão financeira e o equilíbrio entre a família e o emprego. Soma-se a esse cenário desafiador, a jornada dupla de trabalho que se caracteriza pelo trabalho doméstico de cuidados com a casa, crianças e familiares idosos, após a jornada de trabalho remunerado. Segundo uma pesquisa realizada pela Infojobs (2024) 83% das mulheres brasileiras vivenciam a jornada dupla de trabalho e 45% dessas mulheres não possui rede de apoio ou ajuda de parceiros.

Para Okleina (2023), os papéis de gênero inseridos em nossa sociedade refletem a desproporção ligadas às jornadas duplas das mulheres, pois trabalhos de cuidado estão sempre relacionados ao feminino, enquanto os racionais ao masculino. Assim, sendo comum mulheres assumirem as tarefas domésticas e deixarem de lado seu desenvolvimento profissional e financeiro. Mães solteiras precisam equilibrar as funções domésticas e o trabalho assalariado tornando-se obrigadas a terem a dupla ou tripla jornada de trabalho quando buscam formações acadêmicas ou mais uma jornada de trabalho assalariado, assim procurando melhores condições, pois o sustento de sua casa e os afazeres familiares, dependem somente delas.

Amparados por tais dados, concluímos que especialmente para as mulheres, mães solteiras, a pandemia se configurou como um martírio, penalizando-as dupla, triplamente apenas por serem o que são. Se o gênero determinou uma hierarquia de percalços e desafios dentro da sociedade brasileira, esse grupo foi certamente o mais afetado.

Paula Luzia Ribeiro Rodrigues (Memórias Covid-19), que tem entre 26-35 anos, moradora da cidade de Campinas, traz em seu poema uma forma de lidar com a perda de seu avô. Assim, um poema sobre renascimento foi sua forma de lidar com o luto e do vazio deixado pelo seu ente querido. A sua forma de lidar com o luto e se expressar foi através da arte, pois estava longe de casa, estudando para seu mestrado. Abaixo um trecho de seu poema:

> Na minha caixa envelheci e cresci
> Já não vivo no passado
> Hoje sou serena vive mansa
> Não quero como antes
> Sou harmonia com os meus que se foram.

> Hoje sigo assim
> Meu riso frouxo, vive dentro e se mantem fresco
> Aprendendo como um recém nascido
> Renascer.
> (#MemóriasCovid19 Unicamp).

Neste poema ela expressa sua jornada de transformação e autoconhecimento, quando ela diz que não vive mais no passado ela sugere que superou suas dores e lembranças, encontrando sua paz. Renascendo após sua perda familiar.

Sob o aspecto de como as pessoas enfrentaram o luto nesse período, sugerimos que a experiência da quarentena afetou cada um de nós individualmente, pois, além de estarmos abalados com as mudanças em nossa liberdade, tivemos de lidar com milhares de pessoas morrendo todos os dias e a ausência dos ritos de despedida. Segundo KUSHNIR (2022) os traumas da pandemia somente se assemelham às guerras, por conta da não possibilidade de despedida presencial, da falta de velar o corpo e processar a perda das pessoas.

Gomes (2022, p. 86), também refletiu sobre essa situação inusitada e dolorosa:

> Milhares de corpos pereceram em decorrência da Covid-19. No Brasil, 615 mil pessoas estão mortas; no mundo quase 6 milhões (no momento em que esse texto é escrito)! Quantas histórias perdidas, quantas coisas pendentes, quantas palavras silenciadas, quantos amores perdidos, quantas crianças não terão oportunidade de crescer. Esse sentimento de desalento, a atual geração vai carregar pela eternidade. Será que no futuro seremos lembrados como, os desumanos? (GOMES , 2022, p. 86).

As pandemias acarretam mortes muito rápidas e em massa em um curto espaço de tempo. A pandemia de COVID-19 nos fez perder uma parte importante do luto, a despedida, ou seja, não tínhamos velórios, pois o risco de contaminação era muito grande. “Os rituais de despedida acontecem por meio de incentivo à comunicação familiar, definição de questões não resolvidas, compartilhamento de bons momentos vividos juntos, agradecimentos e pedidos de perdão, revelando-se promotores de qualidade de morte para os doentes e de qualidade de vida para os familiares” (Lisbôa & Crepaldi, 2003; Schmidt, Gabarra, & Gonçalves, 2011).

Essa é uma questão importante para o luto e psicologicamente para os que ficam. Segundo Crepaldi et al. (2020) foram implementados métodos para o contato de familiares, como tablets e celulares, sendo uma forma de melhorar o psicológico

do paciente e da família, uma forma de despedida e amparo aos que estavam acamados.

Maria Amélia Jannini (Memórias Covid-19), com 60 anos, e moradora de Itanhaém - SP, sua vivência na pandemia está em forma de poesia, nos primeiros versos temos os relatos de suas perdas nos primeiros momentos da pandemia, sua vida ficou confusa e não sabia em quem acreditar. Sua opção para retirar informações era diretamente da OMS. Ela foi morar com sua mãe que estava com 90 anos e poderiam fazer companhia uma à outra, sua vida se tornou virtual e seus passeios matutinos eram cheios de cuidados para que não encontrassem muitas pessoas na rua. Muitos cuidados adicionados em suas rotinas de isolamento. Ela nos traz a reflexão que ser um idoso na pandemia era muito mais difícil, o medo do novo mundo que estava se moldando e o passar dos dias cada vez mais vagarosos. A seguir um trecho do poema escrito por Maria:

> Os adultos que podem, trabalham remotamente, enquanto cuidam da educação dos filhos de maneiras criativas e novas, em um mundo que está se reinventando. Os mais jovens, aqueles das gerações “letras do fim do alfabeto”, também estão descobrindo maneiras viver os seus dias, desde ajudar vizinhos idosos ou impossibilitados de sair, estudando remotamente e tendo aulas on-line, além de usar as ferramentas tecnológicas para a convivência virtual. As crianças, seres abençoados pela inocência, vão crescer num mundo novo, mas vão sentir muito menos as mudanças que acontecerão, pois já nasceram conectadas e têm a capacidade de adaptação e de criar sinapses com muita mais facilidade. (#MemóriasCovid19 Unicamp).

Vemos neste trecho a esperança de Maria em um mundo melhor, e nos traz a reflexão de crianças não entenderem o contexto em que vivem, e muitas já nasceram nesse novo mundo que se formou. Segundo um estudo realizado por Blascovich et al. (2022), 37% dos idosos submetidos à pesquisa tinham sintomas de depressão, sendo as mulheres as mais afetadas. Sendo aqueles que viviam em centros de cuidado para idosos e que acabaram perdendo o contato humano neste momento os mais prejudicados.

Isabella Quadros (Memórias Covid-19), tem entre 41-50 anos, moradora de São Paulo-SP a seguir a transcrição editada de seu relato. Ela fazia parte de um grupo que levava ajuda a comunidades e pessoas que precisam de comida, pois para ela a fome é o vírus de maior ameaça no Brasil e precisa ser combatido. Segundo o IBGE (2022) mais de 58% da população convivia com algum grau de insegurança alimentar, seja ela leve, moderada ou grave. Desde o início da

pandemia em 2020 houve um aumento de 7% na insegurança alimentar em nosso país. Pessoas como a Isabella fazem o podem para levar um pouco de alimento para esta população.

Transcrição editada do relato de Vera Lúcia Batista Gomes (Memórias Covid-19), tem 51-60 anos, moradora de Caicó - RN, nos lembra que as crianças também sofreram com a pandemia, seu neto não foi diferente. Ela relata que ele fica extremamente feliz em poder sair de casa para brincar, mesmo que sozinho.

Além do perigo eminente da infecção com o coronavírus, as crianças também sofreram em questões educacionais, onde a falta da escola presencialmente levou a estagnação do aprendizado. As escolas foram fechadas e o ensino remoto substituiu as vivências escolares por telas em casa, pesquisas foram afetadas e precisaram se adaptar ao novo cotidiano que se formava. Segundo Artecoff e Scherer (2023) foram necessárias aulas de reforço escolar para os alunos ficarem aptos a séries em que estavam sem grandes prejuízos à sua educação.

As escolas não têm somente o fator educacional atreladas a elas, mas também o social, muitas crianças e adolescentes só conseguem fazer suas refeições no ambiente escolar, na pandemia essa questão se tornou uma pauta muito discutida. Pois, como uma criança que depende da escola para comer vai conseguir sobreviver e estudar por conta própria, neste momento onde a maior preocupação é a sobrevivência.

Os professores também foram afetados com a pandemia, pois nunca ocorreu de serem ensinados à ensinar a distância, e muitos professores mais velhos não sabiam como fazer isso. Por outro lado, estruturou-se uma intrincada receita de ensino, na qual os professores se desdobravam sem atingir os objetivos imaginados. Como registra a professora Marcia Friggi, da rede estadual de ensino em Santa Catarina:

> Fomos pegos de surpresa, como todos. A maioria de nós nunca estudou para dar aulas a distância. Aprendemos na marra, no susto. Nossa casa se transformou em estúdio. Nosso celular em instrumento de trabalho e voz para dez turmas, cerca de quatrocentos alunos e mais seus pais (no meu caso). Em tempos de aulas presenciais, meu celular estava sempre no silencioso para não perturbar, agora também porque muitos alunos e pais não respeitam dia nem horário. Trabalhamos em duas plataformas e quatro frentes: Classroom, WhatsApp, diário on-line e material impresso. [...] Não há como dar conta de aulas presenciais e a distância ao mesmo tempo, se for assim, os que não morrerem de Covid19, vão morrer de exaustão. Ainda tem as *lives*, quase todo dia, para que os professores escutem, escutem, escutem.

> [...] Mais que ouvir, necessitamos também falar e, acima de tudo, precisamos ser ouvidos! (FRIGGI, 2020).

Por fim, temos a transcrição editada do relato de Laryssa Carla De Medeiros Oliveira (Memórias Covid-19), tendo entre 26-35 anos, moradora de Natal - RN, trazendo o momento em se sentiu mais impotente durante a pandemia. Foi no Dia das Mães onde pela primeira vez não estava com sua mãe, que era grupo de risco. Neste mesmo dia os seus vizinhos fizeram uma festa em suas casas, ela ficou abalada e com inveja ao mesmo tempo, pois queria poder estar junto de sua mãe e família naquele momento que era pra ser de alegria, porém o medo de levar o vírus para sua mãe era maior que a vontade de poder abraçá-la e lhe restou desabafar e chorar em um aplicativo de mensagens com sua mãe.

Figura 3: Print de tela de Laryssa Carla De Medeiros Oliveira



Fonte: #MemóriasCovid19 Unicamp

Nós seres humanos em sua maioria não estamos acostumados a viver em isolamento, temos a necessidade de ter companhias. Neste sentido MACEDO et. al (2021) afirma:

> A dificuldade para suportar a solidão aciona defesas como a busca de objetos da realidade para amenizar a angústia e a insatisfação sentida.35 Isso poderia estar se expressando no contexto pandêmico como imersão nas redes sociais, tendências “compulsivas” para estar continuamente a planejar e fazer coisas, nos múltiplos comportamentos aditivos e na negação dos riscos da doença e consequente descumprimento das orientações de isolamento.

Essa incapacidade de viver em solidão fez com as pessoas se colocassem em risco durante a pandemia, para suprir essa necessidade humana de vivência com outras pessoas além do online. Temos a questão que desde o início da pandemia tivemos um governo negacionista, que não respeitava as recomendações da OMS, desse modo desestimulando a população a respeitar as medidas de isolamento social.

Antes mesmo da pandemia de COVID-19 já se era uma preocupação a solidão em nossa sociedade pois, segundo MACEDO et. al (2021) a solidão está associada ao aumento do risco da mortalidade, e sendo prejudicial à saúde física e mental. Nesse contexto, crises de pânico e depressão aumentaram em 25% segundo a OMS. Além de lutarmos contra a pandemia, lutamos para mantermos nossas mentes saudáveis no momento mais obscuro da contemporaneidade.

Buscando concluir, identificamos, primeiramente que esse compilado de testemunhos acerca da experiência com a pandemia, sendo um recorte muito restrito, nos indica o caminho para futuras pesquisas mais abrangentes. Isso porque nos revela a potencialidade de repositórios digitais como fontes de pesquisa para historiadoras e historiadores, dando um lugar histórico aos depoimentos daqueles que viveram a experiência sensível de sobreviver a pandemia, por um lado. Como nos indica Borges (2012, p. 674), os depoimentos “[...] guardam as especificidades que caracterizam as fontes orais, desvelando impressões, risos, lágrimas, enfim a subjetividade do depoente, permitindo problematizar questões ligadas à construção da memória”.

Por outro, nos impele a desvendar e problematizar um contexto pouco explorado por seu caráter recente, que se mantém nas memórias e na vida cotidiana de tanto de nós. Com grande parte das pessoas ainda vivas, suas

narrações nos permitem compreender as estratégias de sobrevivência elaboradas, bem como, as experiências traumáticas que as atingiram, contribuindo em dar resposta a uma demanda social do presente. Concordamos nesse aspecto com a ideia que nos apresentam Santiago, Borges e Rodrigues (2020, p. 16) ao falarem do papel da demanda social para a construção o conhecimento histórico para uma História do Tempo Presente:

> em vez de ser uma reflexão gerada a frio, no âmbito da oficina do historiador, com seus aportes teóricos e metodológicos em primeiro plano – ainda que sem desprezar suas posturas políticas e ideológicas –trata-se de uma história que nasce do vínculo direto com o presente e sobre os conflitos em jogo no presente.

6. Considerações Finais

O texto nos traz a complexidade das experiências vividas durante a pandemia de COVID-19, destacando a importância de registrar e entender essas memórias como um legado histórico. O impacto emocional e social é inegável, com consequências que estão além das estatísticas de contágios e mortes. As narrativas nos mostram a dor da perda e da incerteza, presente nesse momento tão sensível e servem como lembrete da humanidade por trás dos números.

As vozes coletivas e individuais ressaltam a relevância das memórias e relatos pessoais, especialmente no contexto em que a saúde pública foi afetada pela desinformação e decisões políticas controversas. A abordagem da História da Saúde e do Tempo Presente permite não apenas compreender os desdobramentos da crise, mas também reconhecer o papel fundamental da memória na construção de um futuro mais consciente e informado.

A discussão sobre *fake news* e a sua influência na saúde pública destaca a necessidade de uma alfabetização midiática e o diálogo aberto entre a ciência e a sociedade. O texto aborda questões de gênero, classe e saúde mental, ressaltando como a crise sanitária afeta desproporcionalmente diferentes grupos, como mulheres, mães solteiras e populações em situação de vulnerabilidade. Também catalisou as mudanças de relações entre indivíduos e instituições, onde o compromisso com a verdade e a solidariedade foram renovados.

Os relatos de Julia e Simara vem para nos mostrar como a luta pela sobrevivência se sobressai quando a resiliência e a capacidade de transformação surgem em meio ao caos. Os relatos coletados pelo Museu da Pessoa e #MemoriasCovid19, exemplificam a diversidade de vivências que, embora ligadas a um mesmo evento, refletem condições sociais e emocionais distintas. A pandemia expôs e acentuou desigualdades preexistentes, mostrando que a história não é homogênea, mas sim um mosaico de experiências.

A HTP se mostra fundamental para entender a complexidade do tempo presente, permitindo que vozes individuais e coletivas sejam ouvidas e registradas, contribuindo para uma história que reconhece as experiências humanas. A pandemia nos deixou muitas cicatrizes mas também uma enorme coleção de memórias que poderão informar e guiar gerações futuras na compreensão do nosso passado recente.

7. Fontes:

ANGUSTIA e medo.[*S. l.*: *s. n.*], s.d. Disponível em: https://memoriascovid19.unicamp.br/unity-memorie-en?cod_post=21. Acesso em: 23 out. 2024.

ESPAÇOS. [*S. l.*: *s. n.*], s.d. Disponível em: https://memoriascovid19.unicamp.br/unity-memorie-en?cod_post=66. Acesso em: 23 out. 2024.

FEITO formiguinhas. [*S. l.*: *s. n.*], s.d. Disponível em: https://memoriascovid19.unicamp.br/unity-memorie-en?cod_post=5. Acesso em: 23 out. 2024.

MINHA vida e visão idosa na pandemia. [*S. l.*: *s. n.*], s.d. Disponível em: https://memoriascovid19.unicamp.br/unity-memorie-en?cod_post=13. Acesso em: 24 out. 2024.

NEM todos podiam ficar em casa. Direção: Julia da Conceição Silva. [*S. l.*: *s. n.*], s.d. Disponível em: https://museudapessoa.org/historia-de-vida/nem-todos-podiam-ficar-em-casa/?mode=view-simple. Acesso em: 18 ago. 2024.

MEU ônibus. Direção: Nicole Serrao Mendes. [*S. l.*: *s. n.*], s.d. Disponível em: https://museudapessoa.org/historia-de-vida/meu-onibus/?mode=view-simple. Acesso em: 18 ago. 2024.

PANDEMIA e Eu!. Direção: Simara Conceição. [*S. l.*: *s. n.*], s.d. Disponível em: https://museudapessoa.org/historia-de-vida/pandemia-e-eu-/?mode=view-simple. Acesso em: 18 ago. 2024.

PERDA, Medos, Anseios: Pandemia. Direção: Maria Gabriela Paulino Batista. [*S. l.*: *s. n.*], s.d. Disponível em: https://museudapessoa.org/historia-de-vida/perda-medos-anseios-pandemia/?mode=view-simple. Acesso em: 18 ago. 2024.

PROCESSO de pandemia. [*S. l.*: *s. n.*], s.d. Disponível em: https://museudapessoa.org/historia-de-vida/processo-de-pandemia/?mode=view-simple. Acesso em: 18 ago. 2024.

RENASCIMENTO. Direção: Paula Luzia Ribeiro Rodrigues. [*S. l.*: *s. n.*], s.d. Disponível em: https://memoriascovid19.unicamp.br/unity-memorie-en?cod_post=18. Acesso em: 23 out. 2024.

8. Referências bibliográficas:

ABRÃO, Janete. HISTÓRIA, MEMÓRIA E COMPORTAMENTOS SOCIAIS EM TEMPOS DE COVID -1. *In*: **HISTÓRIA em Revista**. [*S. l.*: *s. n.*], 2020. p. 210-229.

ALBERTI, Adriano; SILVA, Bruna Becker da; JESUS, Josiane Aparecida de; ZANONI, Eliton Marcio; GRIGOLLO, Leoberto Ricardo. Associação do maior número de mortes por COVID-19 e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Cidades Catarinenses. **Id OnLine Rev.Mult**. Psic., Fevereiro/2021, vol.14, n.54, p.427-434.ISSN: 1981-1179.

ALVES, Marco Antônio Sousa; MACIEL, Emanuella Ribeiro Halfeld . O fenômeno das fake news: denição, combate e contexto. **internet&sociedade,** 2020.

ARTECOFF, Nathaly Gabrielly Wermuth; SCHERER, Susana Schneid. O reforço escolar como estratégia da rede de ensino para desenvolver a aprendizagem dos alunos. *In*: **DESAFIOS para a aprendizagem nos anos iniciais pós - pandemia**. [*S. l.*: *s. n.*], 2023.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. A experiencia humana e o ato de narrar: Ricoeur e o lugar da interpretação. *In*: **REV. Bras. de Hist**. [*S. l.*: *s. n.*], 1997.

BARRETO, Raquel Goulart. A ESCOLA ENTRE OS EMBATES NA PANDEMIA. **Scielo Brasil**, [*s. l.*], 22 jul. 2021.

BIZAN, Bruno Henrique F.; DUARTE , Leonardo Bergamo Basso; VASQUE, Leonardo Siviero; SILVA, Luan de Lima; SANTOS, Murilo Sodré; GONZALES, Letícia Lini; WENDLAND, Thomas Rocha; AMARAL, Luiz Guilherme Leite. A INSERÇÃO DA MÃE SOLTEIRA NO MERCADO DE TRABALHO. **Revista Olhar,** [*S. l.*], v. 7, n. 3, p. 15-22, 10 fev. 2023.

BLASCOVICH, Hellyangela Bertalha; SOUSA, JulianaConceição da Silva; FEUERSTEIN, Shirley Cunha; SANTOS, Francisco Dimitre Rodrigo Pereira; FRANCO, Alaiana Marinho; PASCOAL, Lívia Maia. QUALIDADE DAS RELAÇÕES FAMILIARES E PREVALÊNCIA DE DEPRESSÃO EM IDOSOS DURANTE PANDEMIA DACOVID-19: estudo de correlação. **Revista enfermagem atual in derme**, [*S. l.*], v. 96, n. 40, p. 1-17, 8 dez. 2022.

BORGES, Viviane Trindade. As falas gravadas pelos outros: fontes orais, arquivos orais e arquivos sonoros, inquietações da história do tempo presente **Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, vol. 16, núm. 2, mayo-agosto, 2012, pp. 663-676. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Brasil.

CAPONI, Sandra; Brzozowski, Fabiola Stolf; Hellmann, Fernando; Bittencourt, Silvia Cardoso. O uso político da cloroquina: COVID-19, negacionismo e neoliberalismo **Revista Brasileira de Sociologia**, vol. 9, núm. 21, 2021, Aracaju.

CASTRO, Rosana. Vacinas contra a Covid-19: o fim da pandemia?. **Scielo Brasil**, [*s. l.*], 15 abr. 2021.

CREPALDI, Maria Aparecida; SCHMIDT, Beatriz; NOAL, Débora da Silva; BOLZE, Simone Dill Azeredo; GABARRA, Letícia Macedo. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Seção Temática: Contribuições da Psicologia no Contexto da Pandemia da COVID-**19, [*S. l.*], p. 1-12, 15 jun. 2020.

DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39 - 79, jan./mar. 2018.

FALCÃO , Paula; SOUZA, Aline Batista. Pandemia de desinformação: as fake news no contexto da Covid-19 no Brasil. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [*S. l.*], p. 55-71, 13 jan. 2021.

FERREIRA, Leonardo L. G.; ANDRICOPULO, Adriano D. Medicamentos e tratamentos para a Covid-19. **Scielo Brasil,** [*s. l.*], 21 out. 2020.

FIOCRUZ (Brasil). Vacinação contra a Covid-19 no Brasil completa um ano. *In*: Vacinação contra a Covid-19 no Brasil completa um ano. [*S. l.*], 18 jan. 2022..

FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 9. ed. [*S. l.*]: Graal, 1990. v. 7, cap. 5, p. 79-98. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4246370/mod_resource/content/1/AUH%20516_2018_Foucault.pdf. Acesso em: 3 set. 2024.

FRIGGI, M. A invisibilidade do magistério brasileiro no delicado processo de retorno às aulas presenciais durante a pandemia. Revistapontacom, 29 jul. 2020. Disponive| em: http://revistaportocom.org.br/artigos/a-invisibildade-do-magisterio-brasileiro-no delicado-processo-do-retomo-as aulas-presencais-durante a-pandemia. Acesso em 01 nov. 2024.

GIOVANELLA, Ligia et al. Negacionismo, desdém e mortes: notas sobre a atuação criminosa do governo federal brasileiro no enfrentamento da Covid-19. **Saúde em debate**, v. 44, p. 895-901, 2020.

GOMES, CARLOS EDUARDO. A MORTE DAS VÍTIMAS DA COVID-19 NO BRASIL:O DIREITO À MEMÓRIA ENQUANTO RESISTÊNCIA À NECROPOLÍTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA DO CORONAVÍRUS. **Revista Fronteiras interdisciplinares do direito,** [*s. l.*], 20 jul. 2022.

GULLOT, Carlos Castañeda; SERPA, Gerardo Ramos. Principales pandemias en la historia de la humanidad: Major pandemics in the history of mankind. **Revista Cubana de Pediatría**, [*S. l.*], p. 1-24, 12 jun.

HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego. **Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe**. Editora Fiocruz, 2004.

KUSHNIR, Beatriz. Os acervos produzidos no mundo pós-pandemia: uma análise dos relatos no “olho do furacão”. In: SANTOS, Nádia Maria Weber; FRAGA, Hilda Jaqueline de; OLIVEIRA, Vânia de (Orgs.). **Entre o Sensível e o Concreto**: reflexões entre memória, patrimônio e arquivos [recurso eletrônico] /Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

LACOUTURE, Jean. A História Imediata. In: LE GOFF, J (Org.). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). IMUNIZAÇÃO: Mais de 88% dos brasileiros com cinco anos ou mais tomaram ao menos duas doses de vacina contra Covid-19 até o início de 2023. *In*: IMUNIZAÇÃO: Mais de 88% dos brasileiros com cinco anos ou mais tomaram ao menos duas doses de vacina contra Covid-19 até o início de 2023. [*S. l.*], 24 maio 2024. Disponível em: https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2024/05/mais-de-88-dos-brasileiros-com-cinco-anos-ou-mais-tomaram-ao-menos-duas-doses-de-vacina-contra-covid-19-ate-o-inicio-de-2023#:~:text=PELO%20MENOS%20UMA%20DOSE%20%E2%80%94%20At%C3%A9,(97%2C5%20milh%C3%B5es). Acesso em: 18 ago. 2024.

OKLEINA, Maria. Como a dupla jornada de trabalho afeta a saúde mental da mulher?. PósPucPrDigital, [*S. l.*], 8 mar. 2023. Disponível em: https://posdigital.pucpr.br/blog/dupla-jornada-de-trabalho. Acesso em: 3 nov. 2024.

OLIVEIRA , Quezia Galarca de; LANGHANZ , Milena da Silva; GILL, Lorena Almeida. “SINTO FALTA DE ABRAÇOS”: OS IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID -19 NA VIDA COTIDIANA DOS ALUNOS E ALUNAS DA UFPEL. *In*: **HISTÓRIA em Revista**. [*S. l.*: *s. n.*], 2020. p. 231-239.

OLIVEIRA, Lucas Nóbrega De *et al*. Avaliação da eficáciae segurança das principais vacinas utilizadas contra COVID-19 no Brasil. **Brazilian Journal of Development,** 2022.
OLIVEIRA, Samuel. Suspensão dos Contratos de Trabalho na Pandemia. *In*: Suspensão dos Contratos de Trabalho na Pandemia. [*S. l.*], 28 set. 2020. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/artigos/suspensao-dos-contratos-de-trabalho-na-pandemia/934582675#:~:text=A%20suspens%C3%A3o%20do%20contrato%20em,em%20benef%C3%ADcio%20il%C3%ADcito%20do%20EMPREGADOR. Acesso em: 18 ago. 2024.

ROCHA, Jéssica Olímpio da; SILVA, Francisco Vieira da. “CORONAVAC CHINESA”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE FAKE NEWS SOBRE A VACINAÇÃO DA COVID-19 CHECADAS PELA AGÊNCIA LUPA. Scielo Brasil, [*s. l.*], 9 dez. 2020. Disponível em: https://repositorio.ufersa.edu.br/server/api/core/bitstreams/007bf1fb-b51e-49f9-9e6c-5fc3de8fa77f/content. Acesso em: 16 out. 2024.

ROUSSO Henry. **A última catástrofe**: a história, o presente, o contemporâneo. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2016.

Santhiago, R., Trindade Borges, V., & Rosa Rodrigues, R. (2020). O DEVIR PÚBLICO DA HISTÓRIA NO TEMPO PRESENTE: OUTRAS LINGUAGENS, OUTRAS NARRATIVAS. **Canoa Do Tempo**, *12*(01), 13–38.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.